

Cartas visionárias

**Arthur
Rimbaud**

Tradução de João Rocha

Nota do tradutor

No prefácio às traduções de poemas de Arthur Rimbaud feitas por Maria Gabriela Llansol, a tradutora faz o seguinte comentário: “não é a sua literatura que vejo primeiro mas um vulto que entra no texto sem dar por isso”. Como um vulto desavisado, errante e ébrio sobre o qual não se pode fixar uma identidade, mas cuja presença é incontestável, é assim que ela define a escrita de Rimbaud. A partir da força de inconstância dessa imagem, decidi traduzir “Lettres du voyant” (título estabelecido para essas cartas e que é comumente traduzido por “Cartas do vidente” ou “Cartas do visionário”) por “Cartas visionárias”. Mais que a literatura de um sujeito — Arthur Rimbaud — essas cartas carregam a potência da escrita — essa espécie de vulto que se vê sem que se saiba muito bem o que é, já que a escrita é o desconhecido, como bem disse Marguerite Duras. Mais que possuir a visão, a vidência de um sujeito sobre a função do poeta, elas causam a própria visão, a própria vidência naqueles que as encontram. Portanto, são “Cartas visionárias” porque estão no presente a mirar o futuro — o poeta, o leitor, o porvir. Pensando o tradutor como aquele que se depara com uma língua e se sente impelido a inscrevê-la na sua própria, transformando, assim, sua língua em uma espécie de língua do outro — o que poderia bem ser uma das definições para o texto literário —, concebo aqui a prática tradutória como um encontro. Sem recuar em face desse acontecimento — o encontro de uma língua com um sujeito —, a tradução dos poemas presentes nestas cartas não se ateve ao respeito à métrica, mas sim à força de aproximação, isto é, à maneira como as palavras de Rimbaud se colocaram mais próximas da língua própria deste tradutor, já que traduzir, aqui, além de uma forma de buscar uma língua, é também a percepção, claramente descrita por Katie Peterson, de que o desejo de um poema é o da aproximação: “O desejo do poema por um leitor é o desejo do poema de proximidade com uma pessoa — um desejo de trazer uma pessoa para dentro dele.

[...] Um poema avança, e encontra, por isso deve *vir* de alguma coisa em *direcção* a outra coisa qualquer”¹ Nesse movimento de aproximação, pensa-se o sujeito não mais como aquele que detém a verdade, mas como um ponto de verdade, como formulou Alain Badiou em seu *Para uma nova teoria do sujeito*, já que ela não é nada além da fidelidade a um acontecimento, a algo que se impõe ao sujeito e o obriga a tomar uma decisão, a não recuar — a verdade como uma resposta àquilo que chega. Tendo isso em vista, outra decisão tomada face ao encontro com os poemas de Arthur Rimbaud nestas “Cartas visionárias” foi a de não se ater às rimas presentes em seus versos, mas à sua força de acontecimento para o sujeito tradutor, mesmo que, na edição francesa que serve de referência para esta tradução,² apareça marcada, na lateral esquerda das páginas onde se inscrevem alguns poemas, a expressão, um pouco irônica, “Quelles rimes! Ô! Quelles rimes!” (Que rimas! Oh! Que rimas!). A frase foi mantida nesta tradução, mesmo com a frequente ausência de rimas, para que, através dela, fosse marcada certa eloquência trazida em suas letras e pontos de exclamação — a mesma que também atravessa essas “Cartas visionárias”.³

1 PETERSON, Katie. Poema. *Revista Forma de Vida*, Lisboa, n. 8, dez. 2016. Disponível em: <<https://formadevida.org/petersonfdv8>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

2 RIMBAUD, Arthur. *Arthur Rimbaud: oeuvres complètes/correspondance*. Édition présentée et établie par Louis Forestier. Paris: Éditions Robert Laffont, 2004.

3 É importante destacar que tal frase não aparece em edições estabelecidas por outros autores, como, por exemplo, em RIMBAUD, Arthur. *Oeuvres complètes*. Texte établie et annoté par Rolland de Renéville et Jules Mouquet. Bruges: Librairie Gallimard, 1951.

Rimbaud a Georges Izambard

Charleville, 13 de maio de 1871

Caro senhor!

De volta aqui, professor! O senhor me havia dito que estamos à mercê da Sociedade; o senhor faz parte do corpo dos docentes: trilha um caminho já bastante estabelecido. — Eu também sigo este princípio: sustento-me cinicamente; desenterro antigos imbecis do colégio: tudo que posso inventar de besta, de sujo, de mal, em ação e palavras, entrego a eles: pagam-me com cervejas e garotas. *Stat mater dolorosa, dum pendet filius.*¹ — Estou à mercê da Sociedade, é justo; — e tenho razão. — O senhor também, o senhor tem razão, por hoje. No fundo, em seu princípio, o senhor só enxerga a poesia subjetiva: sua obstinação de recuperar o berço universitário — desculpe! — é a prova disso! Mas o senhor terminará sempre como um satisfeito que não fez nada, que nada quis fazer. Sem contar que sua poesia subjetiva será sempre terrivelmente banal. Um dia, espero — e muitos outros esperam a mesma coisa — eu verei em seu princípio a poesia objetiva, eu a verei mais sinceramente do que o senhor poderia fazê-lo! — Eu serei um trabalhador: esta é a ideia que me detém quando as fúrias loucas me empurram em direção à batalha de Paris,² — onde tantos trabalhadores ainda morrem enquanto eu lhe escrevo! Trabalhar agora, nunca, nunca; eu estou de greve.

1 [N.t.] Primeiros versos do Hino de Nossa Senhora das Dores: “De pé a Mãe dolorosa,/ junto da cruz, lacrimosa,/ via Jesus que pendia.” LITURGIA DAS HORAS: segundo o rito romano IV. *Ofício das leituras*. Rio de Janeiro; São Paulo; Embu das Artes: Editora Vozes; Editora Paulinas; Editora Paulus; Editora Ave-Maria, 1999, p. 1280.

2 [N.t.] Referência à Comuna de Paris.

No momento, eu me degrado o quanto for possível. Por quê? Eu quero ser poeta e trabalho para me tornar *Visionário*: isso o senhor não compreenderá de jeito nenhum, e eu dificilmente saberia lhe explicar. Trata-se de chegar ao desconhecido pelo desregramento completo de *todos os sentidos*. Os sofrimentos são enormes, mas é preciso ser forte, ter nascido poeta, e eu me reconheci poeta. Não é de forma alguma minha culpa. É incorreto dizer: Eu penso: deveríamos dizer pensam-me. — Desculpe pelo jogo de palavras.

EU é um outro. Uma pena para a madeira que se descobre violino, e às Favas os inconscientes, que tagarelam sobre o que ignoram completamente!

Para mim, o senhor não é *Professor*. Eu lhe dou isto: será uma sátira, como o senhor diria? Será poesia? É fantasia, sempre. — Mas, suplico-lhe, não a sublinhe com lápis, ou demais com o pensamento.

O CORAÇÃO ROUBADO³

Meu triste coração espasma na popa,
Meu coração coberto de fumo barato:
Lançam nele jatos de sopa,
Meu triste coração espasma na popa:
Sob o escárnio da tropa
Que explode num riso geral
Meu triste coração espasma na popa
Meu coração coberto de fumo barato!

3 [N.t.] O poema aparece na carta com o título “Le coeur supplicié” (O coração torturado). No entanto, ele é encontrado também na correspondência com Paul Demeny, do dia 10 de junho de 1871, sob o título “Le coeur du pitre” (O coração do palhaço). Sua primeira publicação foi na revista *La Vogue*, em 1886, a partir de uma cópia feita pelo poeta Paul Verlaine, com o título “Le coeur volé” (O coração roubado) — versão escolhida para esta tradução.

Itifálico e soldadesco,
O tal escárnio o depravou
No leme veem-se afrescos
Itifálicos e soldadescos.
Oh ondas abracadabradantescas,
Tomem meu coração para que seja lavado!
Itifálico e soldadesco,
O tal escárnio o depravou!

Quando terão esgotado seu tabaco,
Como agir, oh coração roubado?
Serão polifônicos bacanais
Quando terão esgotado seu tabaco:
Terei eu sobressaltos estomacais,
Se meu coração for devorado:
Quando terão esgotado seu tabaco
Como agir, oh coração roubado?

Isso não quer dizer nada. — RESPONDA-ME: residência M. Deverrière,
aos cuidados de A.R.

Saudações, de coração.
Art. Rimbaud.

Rimbaud a Paul Deveny

Charleville, 15 de maio de 1871

Resolvi dar ao senhor uma hora de literatura nova; começo logo por um salmo da atualidade:

CANTO DE GUERRA PARISIENSE

A primavera é evidente, pois,
Do coração de verdes Propriedades,
O voo de Thiers e Picard
Mantém suas grandes e abertas claridades!

Oh, Maio! Pobres delirantes pegos de calça arreada!
Sèvres, Meudon, Bagneux, Asnières,
Escutem, pois, os benfazejos invasores
Semear as coisas primaveris

Eles possuem quepe, espada e tambor,
Não a velha caixa de velas;
E as canoas com seu chuá... chuá...
Rasgam as águas do lago vermelho-sangue!

Mais do que nunca entreguemo-nos ao aniquilamento
Quando em nosso formigueiro,
Em madrugadas singulares,
Desabarem o exército de capacetes amarelos

Thiers e Picard são Éros,
— Heróis zero à esquerda —
Raptores de girassóis;

De petróleo pintam Corots:
Eis aí a tosca condição de suas tropas

Eles são íntimos do Grande Troço!...
E, deitado entre os gladiolos, Favre
Exibe seu choro cínico,
Conduzido por um falso aqueduto de lágrimas!

A Cidade Grande tem calçamentos quentes
Apesar das vossas chuvas de petróleo,
E, decididamente, é preciso
Sacudir ainda mais esse imbróglio...

E os Roceiros que relaxam o corpo
Tão próximos à terra
Escutarão galhos se quebrarem
Em meio a feridas vermelhas.

— Aqui está a prosa sobre o futuro da poesia —

Toda poesia antiga deságua na poesia grega, vida Harmoniosa. — Da Grécia ao movimento romântico, — Idade Média —, há letrados, versificadores. De Ennius a Theroldus, de Theroldus a Casimir Delavigne, tudo é prosa rimada, um jogo, frouxidão e glória de inúmeras gerações idiotas: Racine é o puro, o forte, o grande. — Sopramos sobre suas rimas, borramos seus hemistíquios a tal ponto que o Divino Tolo também seria ignorado, hoje, como foi o primeiro autor de *Origens*. — Depois de Racine, o jogo foi coberto de mofo. Isso durou dois mil anos!

Nem brincadeira, nem paradoxo. A razão inspira-me mais certezas sobre o assunto que jamais tivera um Jovem-França.⁴ De resto, liberdade aos *novos!* para execrar os ancestrais: estamos em casa e temos tempo.

Nunca julgamos bem o romantismo. Quem o teria julgado? Os Críticos!! Os românticos, que provam tão bem que a canção é tão poucas vezes a obra, quer dizer, o pensamento cantado e *compreendido* do cantor?

Pois Eu é um outro. Se o bronze acorda clarim, ele não tem culpa alguma. Isto é evidente: eu assisto à eclosão do meu pensamento: eu a olho, eu a escuto: lanço o arco sobre as cordas: a sinfonia produz uma agitação nas profundezas ou vem de assalto sobre a cena.

Se os velhos imbecis não tivessem encontrado o significado falso do Eu, não teríamos que varrer esses milhões de esqueletos que desde um tempo infinito acumularam produtos da sua inteligência tacanha, clamando-se autores!

Na Grécia, versos e liras *ritmam a Ação*. Depois, música e rimas são jogos, relaxamentos. O estudo desse passado encanta os curiosos: vários se regozijam a renovar essas antiguidades: — isso é para eles. A inteligência universal sempre lançou suas ideias naturalmente; os homens colhiam uma parte desses frutos do cérebro: agia-se de acordo, escrevia-se livros: assim se caminhava, o homem não trabalhava a si mesmo, não estando ainda acordado ou na plenitude do grande sonho. Não passam de funcionários, escritores: autores, criadores, poetas, este homem nunca existiu.

O primeiro estudo para o homem que quer ser poeta é seu próprio conhecimento, sem reservas; ele procura sua alma, ele a

4 [N.t.] *Jeune-France* (Jovem-França) foi o termo designado à juventude romântica da geração de 1830, formada por jovens poetas como Théophile Gautier que se opunham radicalmente aos preceitos do classicismo.

inspeciona, ele a tenta, ensina-lhe. A partir do momento que ele a conhece, deve cultivá-la; isso parece simples: em todo cérebro realiza-se um desenvolvimento natural: tantos *egoístas* se proclamam autores; há ainda outros que atribuem a si mesmos seu próprio progresso intelectual!

— Mas trata-se de fazer a alma monstruosa: à maneira dos *comprachicos*.⁵ Nossa! Imagine um homem implantando e cultivando verrugas sobre seu rosto!

Eu digo que é preciso ser *visionário*, fazer-se *visionário*.

O Poeta faz-se *visionário* por um longo, imenso e racional *desregramento* de *todos os sentidos*. Todas as formas de amor, de sofrimento, de loucura; ele busca a si mesmo, acaba-se em todos os venenos para guardar somente a quintessência. Inefável tortura na qual necessita de toda fé, de toda força sobre-humana, onde se torna, entre todos, o grande doente, o grande criminoso, o grande maldito — e o supremo Sábio! — Pois ele chega ao *desconhecido*! Visto que cultivou sua alma, já rica, mais do que a de qualquer outro! Ele chega ao desconhecido e quando, enlouquecido, acabaria por perder a inteligência de suas visões, ele as vê! Que ele se arrebente no seu sobressalto pelas coisas inauditas e inomináveis: virão outros trabalhadores horríveis; eles começarão pelos horizontes onde o outro se abateu.

— A continuação em seis minutos —

Aqui, eu intercalo um segundo salmo *fora do texto*: desejo que tenha uma escuta complacente, — e todo mundo ficará encantado. — Tenho o arco na mão, começo:

5 [N.t.] Possível referência à obra *O homem que ri*, de Victor Hugo, na qual o autor vale-se dessa palavra em espanhol para designar as pessoas que comercializavam crianças para transformá-las em objetos a serem expostos em espetáculos de aberrações.

MINHAS NAMORADINHAS

Um hidrolato lacrimal lava
Os céus verde-escuros:
Sob a árvore em broto que baba...
Suas borrachas.

Branco de luas singulares
Como bules abaulados,
Entrechoquem seus joelhos desgastados,
Minhas feiosas!

Nós nos amamos naquela época,
Estrupício Azul!
Comemos ovos molinhos
E capuchinhas!

Uma noite, você me sagrou poeta
Tenebrosa Loira:
Vem que eu te dou uns tapinhas
No meu regaço

Eu degolei seu bandolim,
Horrorosa Preta;
Você cortará meu mandolim
Pela raiz.

Putz! Minhas salivas ressecadas,
Horrenda Ruiva,
Infectam ainda as trincheiras
De seu seio torneado!

Oh minhas namoradinhas,
Como eu lhes odeio!
Recubram de trapos dolorosos
Suas tetas feias!

Pisoteiem minhas velhas terrinas
De sentimentos;
Opa! Sejam para mim bailarinas
Por um momento!...

Suas omoplatas em desalinho,
Oh meus amores!
Uma estrela presa a seus rins que mancam,
Deem seus rolês!

12

E foi, no entanto, para esse lombo de porca
Que fiz rimas!
Eu queria desandar-lhes as ancas
Por lhes ter amado!

Amontoado sem graça de estrelas remendadas,
Preencham as arestas!
- Vocês rebentarão em Deus, albardadas
De ignóbeis cuidados!

Sob os luares singulares
Como bules abaulados,
Entrechoquem seus joelhos desgastados,
Minhas feiosas!

Voilà. Note bem que, se eu temesse lhe fazer desembolsar mais de 60 centavos, — eu, pobre coitado que já há sete meses não conseguiu uma só moeda de bronze! Eu lhe deixaria ainda minhas *Amantes de Paris*, cem hexâmetros, Senhor, e minha *Morte em Paris*, duzentos hexâmetros.

— Retomo:

Então, o poeta é verdadeiramente um ladrão de fogo.

Ele é carregado de humanidade, dos *animais* mesmo; ele deverá sentir, apalpar, escutar suas invenções; se o que ele conta do *além* possui forma, ele dá forma, se é informe, ele dá o informe. Encontrar uma língua;

— De resto, toda palavra sendo ideia, o tempo de uma linguagem universal virá! É preciso ser acadêmico — mais morto que um fóssil — para aperfeiçoar um dicionário de qualquer língua que seja. Os fracos colocar-se-iam a *pensar* sobre a primeira letra do alfabeto e poderiam rapidamente se lançar na loucura! —

Essa língua será da alma para a alma, resumindo tudo, perfumes, sons, cores, ao pensamento se agarrando e desfazendo o pensamento. O poeta definiria a quantidade de desconhecido que em seu tempo desperta na alma universal: ele daria mais — que a fórmula de seu pensamento, que a anotação *de sua marcha ao Progresso!* Enormidade tornando-se norma, absorvida por todos, ele seria verdadeiramente *um multiplicador de progresso!*

Esse futuro será materialista, o senhor verá. — Sempre cheio de *Números* e de *Harmonia*, os poemas serão feitos para ficar. — No fundo, isso seria ainda um pouco a Poesia grega.

A arte eterna teria suas funções, como os poetas são cidadãos. A Poesia não ritmará mais a ação; ela *estará na frente*.

Os poetas serão! Quando for quebrada a infinita servidão da mulher, quando ela viver por si e para si, o homem — até aqui abominável — dará sua demissão, ela será poeta, também ela! A mulher encontrará o desconhecido! Seus mundos de ideias diferenciar-se-ão dos nossos? —

Ela encontrará coisas estranhas, insondáveis, repugnantes, deliciosas; nós as aprenderemos, nós as compreenderemos.

Esperando, peçamos aos *poetas do novo* — ideias e formas. Todos os hábeis acreditariam muito rapidamente terem satisfeito esse pedido. — Nada disso!

Os primeiros românticos foram *visionários* sem — absolutamente — darem-se conta disso: a cultura de suas almas começou por acidente: locomotivas abandonadas, mas ardentes, que andam algum tempo nos trilhos. — Lamartine é às vezes visionário, porém estrangulado pela velha forma. — Hugo, muito *cabeça dura*, bem pôde VER além nos últimos volumes: *Os Miseráveis* é um verdadeiro *poema*. Tenho *Os castigos* nas mãos; *Stella* dá mais ou menos a medida da *vista* de Hugo. Excesso de Belmontet e de Lamennais, de Jehovahs e de colunas, velhas enormidades espedaçadas.

Musset é quatorze vezes execrável para nós, gerações dolorosas e tomadas de visões — que sua preguiça de anjo insultou! Oh! os contos e os provérbios insípidos! oh *Noites!* oh *Rolla*, oh *Namouna*, oh *La Coupe!* Tudo é francês, quer dizer, detestável no último grau; francês, não parisiense! Ainda uma obra desse odioso talento que inspirou Rabelais, Voltaire, Jean La Fontaine, comentado por M. Taine! Primavera, o espírito de Musset! Charmoso, seu amor! Eis aqui, da pintura ao esmalte, a poesia sólida! Saborearemos por muito tempo a poesia *francesa*, mas na França. Todo rapaz merceiro é capaz de desenrolar uma apóstrofe Rolesca, todo seminarista carrega quinhentas rimas no segredo de um caderninho. Aos quinze anos, esses arrebatamentos de paixão colocam os jovens no cio; aos dezesseis, eles já se contentam em recitá-los de cor, com o *coração*; aos dezoito, mesmo aos dezessete, todo colegial que possui os meios faz o Rolla, escreve um Rolla! Alguns, talvez, ainda morram por isso. Musset nunca soube fazer: havia visões atrás do leve tule das cortinas: ele fechou os olhos. Francês, sem

sustança,⁶ arrastado do boteco à carteira da escola, o belo morto está morto, e, a partir de agora, não nos damos nem mais ao trabalho de acordá-lo com nossas abominações!

Os segundos românticos são muito *visionários*: Théophile Gautier, Lec[onte] de Lisle, Théodore de Banville. Mas, uma vez que inspecionar o invisível e ouvir o inaudito é algo distinto de retomar o espírito das coisas mortas, Baudelaire é o primeiro visionário, rei dos poetas, *um verdadeiro Deus*. Ele viveu ainda em um meio demasiado artista; e a forma nele tão enaltecida é mesquinha: as invenções do desconhecido pedem novas formas.

Rompidas as velhas formas, — entre os inocentes, A. Renaud — fez seu Rolla; — L. Grandet — fez seu Rolla; — Os gauleses e os Musset, G. Lafenestre, Coran, Cl. Popelin, Souly, L. Salles; os estudantes, Marc, Aicard, Theuriet; os mortos e os imbecis, Autran, Barbier, L. Pichat, Lemoyne, os Deschamps, os Desessarts; Os jornalistas, L. Cladel, Robert Luzarches, X. de Ricard; os fantasistas, C. Mendès; os boêmios; as mulheres; os talentos, Léon Dierx e Sully-Prudhomme, Coppée; — a nova escola, dita parnasiana, tem dois visionários, Albert Mérat e Paul Verlaine, um verdadeiro poeta. — *Voilà*.

Dessa maneira, trabalho para me tornar *visionário*. — E terminemos por um canto piedoso.

AGACHAMENTOS

Bem tarde, quando ele sente o estômago revirado,
O irmão Milotus, um olho na claraboia
De onde o sol, claro como um caldeirão ariado,

6 [N.t.] A palavra usada por Rimbaud é o neologismo *panadif* que, segundo vários de seus comentadores, é formado a partir do substantivo *panade*. *Panade*, antes de carregar o nome de uma tradicional sopa de pão, traz o sentido de algo sem energia, sem consistência, sem substância.

Abate-lhe com uma enxaqueca e põe seu olhar em vertigem,
Remexe sob os lençóis seu ventre de pároco.

Ele se agita sob sua coberta cinzenta
E desce seus joelhos até sua barriga trêmula,
Amedrontado como um velho que comeria sua presa
Pois lhe é absolutamente necessário, penico à mão,
Que seus rins arregacem as mangas.

No entanto, ele se agachou frívolo, os dedos dos pés
Redobrados, trêmulos de frio sob a claridade solar que banha
De amarelo-brioche os vidros de papel;
E o nariz do homem de bem de onde reluz o verniz
Funga os raios tal qual uma carnal anêmona-do-mar.

16

QUE RIMAS! OH! QUE RIMAS!

.....

O homem de bem planeja friamente, braços tortos, beijo
ao ventre: ele sente suas coxas arderem aos poucos
e seus calções sépia esquentarem-se, e apaga seu cachimbo;
Algo como um pássaro remexe um pouco
Em sua barriga serena como um amontoado de tripa!

Ao redor, dorme uma confusão de móveis estúpidos
Nos farrapos mais imundos e sobre as sujas barrigas;
Escabelos, sapos estranhos, estão encolhidos
Nos cantos escuros: aparadores têm gargantas de chantres
Que entreabrem um sono cheio de horríveis apetites.

O calor nauseante impregna o quarto estreito;
O cérebro do homem de bem está recheado de trapos.
Ele escuta os pelos pressionando sua pele úmida,

E às vezes soluços fortes gravemente bufões
Escapam, sacudindo seu escabelo que cambaleia.

.....

E à noite, os raios de lua fazem
Aos contornos do cu manchas de luz,
Uma sombra com detalhes agacha-se sobre um fundo
De neve rosa como uma malva-rosa...
Caprichoso, um nariz persegue Vênus no céu profundo.

O senhor será execrável se não me responder: rápido, pois em oito dias estarei em Paris, talvez.

Au revoir. A. Rimbaud

Caderno de Leituras n. 108

Série Rama

Cartas visionárias

Arthur Rimbaud

Coordenação editorial Luísa Rabello e Maria Carolina Fenati

Coordenação de arte Luísa Rabello

Tradução João Rocha

Revisão da tradução Livia Cristina Gomes

Revisão Clara Delgado e Clarissa Xavier

Projeto gráfico Rita Davis

Composto em Unb Pro e DM Sans

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, julho de 2020

Esta e outras publicações da editora estão
disponíveis em www.chaodafeira.com

Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte.
Patrocínio UniBH. Projeto 0699/2017.

REALIZAÇÃO

unibh



INCENTIVO



CULTURA



**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**